



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

***Value Investing* em Mercados Emergentes: Desempenho e Relevância**

CALDEIRA, Matheus Rodrigo Martins¹
MORAES, Clayton Cardoso de²

RESUMO

Este estudo investiga a viabilidade da estratégia de *value investing* no contexto de um mercado financeiro global cada vez mais interconectado, digitalizado e diversificado internacionalmente. Com base em pesquisa bibliográfica descritiva, a análise considera que variáveis macroeconômicas, institucionais e regulatórias impactam a adoção dessa estratégia, especialmente em economias emergentes como Brasil e Índia – regiões que combinam elevado potencial de crescimento com riscos estruturais significativos. A base teórica remonta à obra seminal de Benjamin Graham e David Dodd (1996), complementada por abordagens modernas de autores como Damodaran (2017), Klarman (2020) e Miller (2021), além de relatórios recentes de organismos como OCDE (2023). Apesar de enfrentar obstáculos como a volatilidade cambial, falhas institucionais e divergências contábeis *International Financial Reporting Standards* (IFRS) e *United States Generally Accepted Accounting Principles* (US GAAP), o *value investing* tem mostrado desempenho positivo em mercados menos eficientes, especialmente nos setores de energia, infraestrutura e finanças. A inclusão de critérios de qualidade e governança corporativa tem fortalecido sua aplicação, reduzindo riscos associados à assimetria informacional. Pela pesquisa concluiu-se que essa filosofia de investimento permanece relevante e eficaz, sustentada por disciplina, análise criteriosa e adaptabilidade a diferentes cenários econômicos. Sugere-se, para estudos futuros, a exploração da integração do *value investing* com critérios *Environmental, Social and Governance* (ESG), sua sinergia com investimentos sustentáveis de longo prazo e o papel da digitalização e *tokenização* de ativos. Também se propõe investigar como o uso de tecnologias emergentes, como inteligência artificial e *big data*, pode ampliar a capacidade de identificação de ativos subavaliados em escala global, democratizando o acesso à estratégia entre investidores individuais.

Palavras-chave: *value investing*; mercados financeiros globais; investimentos internacionais; análise fundamentalista; mercados emergentes.

¹ Graduando do Curso de Administração da Fundação Educacional de Fernandópolis.

² Mestre em Engenharia da Produção pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professor do Curso de Administração da Fundação Educacional de Fernandópolis.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

1 Introdução

A globalização dos mercados financeiros e o avanço das tecnologias da informação têm transformado significativamente a forma como os investidores acessam, analisam e selecionam ativos. O “avanço tecnológico acabou por impor-se como uma das principais fronteiras da competição entre os investidores, ciosos de ganhos crescentemente elevados no menor intervalo de tempo possível” (Paraná, 2018, p. 247). Nesse contexto, destaca-se a estratégia *value investing* (investimento em valor), historicamente consolidada nos Estados Unidos, cuja aplicabilidade tem sido objeto de crescente debate em escala global (Sanchez-Badin; Baumann, 2025).

O *value investing* constitui uma abordagem fundamentada na análise de indicadores econômicos e financeiros, com o objetivo de identificar ativos negociados abaixo de seu valor intrínseco, real e verdadeiro (Batista, 2022), à espera de que o mercado, com o tempo, faça as devidas correções, mostre o verdadeiro valor da empresa e, em consequência, eleve sua valorização (Domingues *et al.*, 2022).

Por outro lado, o investidor em valor procura ativos sólidos, descontados e busca proteção contra movimentos inesperados ou incertos. Caso o mercado de investimentos entre em colapso, as empresas com fundamentos reais e mais seguros sofrem menos e, geralmente, oferecem ainda mais oportunidades de compra. Além disso, muitas empresas cobiçadas pelo *value investor* são companhias maduras, têm histórico de lucros e distribuem dividendos regularmente, ou seja, além de valorizarem as ações ao longo do tempo, retornam uma renda passiva de tempos em tempos ao investidor – o que confere à estratégia maior atração e possibilidade de independência financeira (Filadelpho, 2025).

A aplicação do *value investing* fora dos Estados Unidos, naturalmente, segue os mesmos princípios fundamentais da estratégia, quais sejam: identificar ações de empresas cujos preços estão abaixo de seu valor real, analisar seus fundamentos financeiros e aguardar, com paciência, a valorização para, em tempo oportuno, o investidor vendê-las. Trata-se de um jogo de mercado de ações (Ramalho, 2021).

Entretanto requer adaptações significativas, em virtude de diferentes realidades regulatórias, contábeis e macroeconômicas. Investidores que atuam em escala global enfrentam variáveis que impactam diretamente a análise de valor, tais como exposição cambial, risco



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

político, volatilidade em economias emergentes e assimetrias informacionais – relacionadas a problemas de transparência, governança e liquidez (Silva; Freitas; Mattos, 2016; Ferreira; Machado; Silva, 2021).

Todavia, ponderadas suas vantagens, o *value investing* também apresenta riscos que, se compreendidos, não permitem transformar a estratégia em uma fonte de prejuízos. Entre esses riscos, segundo Filadelpho (2025), está o *value trap* (ou armadilha de valor) – considerado o maior deles – quando a ação parece barata segundo os indicadores tradicionais, mas, na realidade, a empresa enfrenta problemas estruturais que impedem sua recuperação: modelo de negócio ultrapassado, má gestão, perda de competitividade, endividamento excessivo.

Para Filadelpho (2025), outros riscos ou armadilhas se alinham: falta de paciência à espera de valorização das ações em longo prazo (faz com que o investidor desista por ver outro ativo valorizando-se em curto prazo); excesso de foco em múltiplos baixos sem avaliar o contexto (que costumam antecipar problemas sérios no setor ou na gestão da companhia) sem que se efetuem análise quantitativa (números) e qualitativa (gestão, setor, tendências).

Apesar desses desafios, dados recentes indicam que o *value investing* têm mostrado resiliência e até superioridade em mercados emergentes. Estratégias de fatores como valor, *momentum* e baixa volatilidade tendem a ser mais expressivas e duradouras nesses mercados, onde ineficiências permitem ganhos maiores (Nóbrega; Felipe; Araújo, 2025). O *international value* (dfx), por exemplo, teve desempenho anualizado de 17,97% até maio de 2025, em contrapartida ao *s&p 500*, negativo (-0,17%) no mesmo período (Borba, 2025).

Esse cenário tem sido confirmado por análises independentes. Filadelpho (2025) confirma que *value investing* não promete ganhos rápidos, mas um crescimento patrimonial consistente, uma vez que a estratégia é elaborada para construir uma carteira de investimentos e colher frutos em horizontes mais amplos, às vezes, anos ou décadas após o investimento. Há evidência de que ações em países emergentes ainda são negociadas com múltiplos atrativos, especialmente em países com fundamentos fiscais sólidos e em recuperação econômica (Balzano; Marzi; Turzo, 2025).

Por fim, a literatura especializada aponta que a eficácia do *value investing* em mercados emergentes depende de uma abordagem adaptada, considerando as chamadas “lacunas institucionais” locais (como ausência de informações confiáveis ou de intermediários de mercado e falta de alinhamento entre práticas individuais e políticas de gestão do



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

conhecimento) e ajustando a análise ao ambiente específico de cada país (Khanna; Palepu; Bullock, 2010; Jackson, 2012).

2 O mercado de investimentos

A dinâmica do mercado de investimentos tem passado por transformações significativas nos últimos anos, impulsionadas por fatores como avanços tecnológicos, globalização e crescente democratização do acesso a informações financeiras. De acordo com Assaf Neto (2025), os investidores modernos operam em um ambiente de maior volatilidade e precisam considerar aspectos como fundamentos tradicionais, riscos geopolíticos e fatores traduzidos em *Environmental, Social and Governance* (ESG), ou seja, governança ambiental, social e corporativa: o ESG refere um modelo de gestão empresarial pelo qual a empresa se compromete abertamente a respeitar o meio ambiente e a sociedade em todas as suas atividades.

Os fatores ESG avaliam o compromisso de uma empresa para com a sustentabilidade e sua responsabilidade, cujo impacto no meio ambiente se faz sentir na redução de danos ambientais, nas relações com pessoas pela promoção dos colaboradores e da comunidade e na ética na gestão, oferecendo garantias da transparência e ética nas operações: isto é, pondera a performance em governança ambiental, social, corporativa e o desempenho em emissões de gases de efeito estufa (GEE), o que acaba por atrair investidores e alavanca a reputação da empresa (Firmino; Peixoto, 2025).

Esse movimento acompanha uma tendência global em que variáveis não financeiras passaram a ter peso relevante na precificação dos ativos, refletindo a crescente demanda de investidores institucionais e individuais por práticas empresariais responsáveis. Além disso, fatores como mudanças climáticas, transição energética e pressões regulatórias globais têm levado empresas a repensarem sua governança, o que impacta diretamente a atratividade de seus papéis no mercado de capitais (Romaro; Serralvo, 2022).

A crescente participação de investidores pessoa física, especialmente em países emergentes como o Brasil, redesenhou o perfil do mercado. Um dos efeitos dessa mudança é o aumento da busca por estratégias fundamentadas, como o *value investing*. Conforme explica Damodaran (2017, p. 11), “a avaliação de empresas não é apenas uma ciência baseada em números, mas um trabalho artesanal que exige julgamento, narrativa e compreensão de como



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

os negócios operam e de como o mercado os percebe”. Nesse sentido, a disseminação de ferramentas digitais de análise e a maior disponibilidade de relatórios de *research* proporcionaram uma base de informações mais acessível e permitiram que investidores individuais adotassem metodologias anteriormente restritas a gestores profissionais. Segundo os dados da B3 (2023), a bolsa brasileira ultrapassou a marca de 5 milhões de investidores pessoa física, representando um crescimento expressivo em comparação com o início da década passada, quando o número não chegava a 600 mil.

Além disso, a popularização das *fintechs* e corretoras digitais reduziu barreiras de entrada, ampliando o acesso ao mercado internacional. Segundo Prado e Lopes (2023), a digitalização dos serviços financeiros tem favorecido o surgimento de uma nova geração de investidores com maior independência e atenção a oportunidades em diferentes mercados. Esse processo se relaciona diretamente com o conceito de *financial deepening*, no qual a ampliação do acesso a instrumentos financeiros e canais de investimento fortalece a integração dos mercados e contribui para o aumento da liquidez global.

O surgimento de plataformas de negociação eletrônica e aplicativos móveis trouxe maior agilidade às transações e permitiu a negociação de ativos em tempo real em múltiplos mercados (Resende, 2021; Chiarini *et al.*, 2023).

O cenário internacional também exige que os investidores considerem fatores como taxa de juros americana, variações cambiais e crises geopolíticas. Essas variáveis impactam diretamente na composição e no desempenho de carteiras diversificadas. Ferreira, Carvalho e Santos (2020) e Oliveira (2023) destacam que a análise fundamentalista aplicada a ações globais requer adaptações metodológicas que considerem peculiaridades contábeis, regulatórias e econômicas de cada região. Adicionalmente, Bodie, Kane e Marcus (2018) ressaltam que a diversificação internacional pode mitigar riscos específicos de determinados países, mas também introduzir novas fontes de incerteza ligadas à correlação entre mercados, exigindo uma gestão ativa e criteriosa das alocações. Nessa linha, crises como as tensões comerciais entre Estados Unidos e China e os conflitos armados (como no Oriente Médio) demonstraram como os mercados globais estão cada vez mais interconectados, exigindo estratégias de *hedge cambial* e maior atenção ao risco sistêmico (Pautasso *et al.*, 2021; Pereira, 2023).

Dessa forma, a compreensão do funcionamento do mercado de investimentos, local e internacional, é essencial à aplicação bem-sucedida de estratégias como o *value investing*, que



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

dependem da identificação de assimetrias de informação e de oportunidades de valorização em longo prazo. Em um ambiente de rápidas mudanças estruturais e tecnológicas, a vantagem competitiva do investidor está na capacidade de interpretar cenários complexos, integrar múltiplas fontes de informação e manter disciplina frente às oscilações de curto prazo. Nesse sentido, a educação financeira, a utilização de ferramentas analíticas e a atenção a fatores socioeconômicos globais constituem elementos fundamentais para que investidores possam navegar em um mercado cada vez mais dinâmico e competitivo (Savoia; Saito; Santana, 2007; Ferreira; Carvalho; Santos, 2020; Batista, 2022; Silva; Monteiro, 2023).

3 Determinantes de investimento internacional

O investimento internacional tem-se consolidado como uma das principais estratégias de diversificação de carteiras e mitigação de riscos sistêmicos. A decisão de alocar recursos em mercados estrangeiros depende de uma série de fatores econômicos, políticos e estruturais que moldam o comportamento dos investidores institucionais e individuais em escala global. Nesse contexto, estudos clássicos em finanças internacionais destacam que a diversificação entre países pode reduzir o risco não sistemático e aumentar a eficiência das carteiras (Bodie; Kane; Marcus, 2018).

Segundo Bekaert e Hodrick (2022), os principais determinantes do investimento internacional podem ser agrupados em três dimensões principais: macroambientais, regulatórias e institucionais. Entre os fatores macroambientais, destacam-se o crescimento econômico dos países-alvo, a estabilidade monetária e o nível real de juros. Os fatores regulatórios abrangem a liberdade de fluxo de capitais, tratados bilaterais e tributação, enquanto os fatores institucionais envolvem o grau de transparência contábil, proteção aos investidores e governança corporativa. Tais elementos são frequentemente apontados em relatórios do Banco Mundial e do FMI como decisivos para a atração de fluxos de capital estrangeiro.

Com a intensa globalização financeira, tornou-se comum a avaliação de riscos e de oportunidades em diferentes moedas, zonas econômicas e blocos geopolíticos. O investidor moderno leva em consideração variáveis como o risco cambial e o prêmio por risco-país, calculados com base em índices como o *Emerging Markets Bond Index (Embi+)* (Nunes; Sales, 2020). Além disso, eventos externos – como guerras, sanções econômicas ou pandemias –



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

afetam diretamente o fluxo de capital entre as nações. Exemplo disso foi a pandemia da Covid-19, que gerou acentuada fuga de capitais de mercados emergentes em direção a títulos do tesouro norte-americano, considerados porto seguro em momentos de crise (IMF, 2021).

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o investimento transfronteiriço tem sido impulsionado por avanços tecnológicos, redução das barreiras de entrada e aumento da competitividade entre mercados emergentes. A entidade destaca que o desenvolvimento de bolsas integradas (como o Mercado Integrado Latino-Americano - MILA) favorece o acesso de investidores estrangeiros a ativos locais com maior liquidez e menor custo de transação. Esse movimento reforça uma tendência de integração regional semelhante ao observado em blocos mais consolidados, como a União Europeia, onde a harmonização regulatória ampliou a atratividade de investimentos internacionais (OCDE, 2023).

Além disso, a política monetária das grandes economias exerce influência direta nas decisões de alocação. A manutenção de juros baixos nos EUA e na Europa, por exemplo, incentivou a busca por maiores retornos em países em desenvolvimento durante os anos de 2020 a 2022, fenômeno conhecido como *Carry trade*. Segundo Obstfeld e Taylor (2017), esse tipo de movimento é cíclico e tende a reverter rapidamente em momentos de aperto monetário, o que pode gerar forte volatilidade nas economias receptoras de capital.

Em períodos de instabilidade global, a tendência dos investidores é buscar refúgio em ativos de países com moedas fortes e baixo risco soberano, como Estados Unidos, Alemanha e Japão (Farhi, 2018). Essa tendência justifica o fato de que, mesmo entre os adeptos do *value investing*, é comum priorizar ativos subvalorizados em economias estáveis antes de explorar oportunidades em mercados emergentes mais arriscados, ainda que potencialmente mais rentáveis, preferindo países emergentes que se alinham a mercados de capitais mais estáveis.

Destaca-se que a atuação de investidores globais está cada vez mais conectada ao acesso à informação e à eficiência dos canais de distribuição internacional. A digitalização das corretoras e o crescimento de plataformas como Interactive Brokers, Charles Schwab e Xp Internacional transformaram o modo como pessoas físicas acessam mercados antes restritos a fundos e bancos internacionais. Essas inovações se alinham ao conceito de *democratização financeira*, ampliando a inclusão de investidores individuais no cenário global (Cerny, 2020).



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

Outro destaque é a evolução da infraestrutura financeira que apoia o investimento internacional. A criação de sistemas globais de compensação e liquidação, como a Clearstream e a Euroclear, além da expansão da rede Swift, possibilitou maior segurança e agilidade na transferência de recursos e reduziu barreiras operacionais. Relatórios recentes do Bank for International Settlements (BIS) ressaltam que a interconexão entre sistemas bancários fortalece a resiliência, mas também aumenta o risco de contágio em crises sistêmicas, evidenciando a dualidade da globalização financeira (Freitas; Prates, 2002; Eurosistema, 2014).

Do ponto de vista estratégico, gestores de grandes fundos de pensão e Sovereign Wealth Funds (fundos soberanos) têm adotado uma alocação cada vez mais diversificada entre ativos internacionais (Sugahara, 2019). Exemplos como o Norwegian Government Pension Fund Global e o Abu Dhabi Investment Authority ilustram como a diversificação geográfica é utilizada tanto para diluir riscos quanto para capturar retornos em setores estratégicos como energia renovável, tecnologia e infraestrutura (Clark; Monk, 2017).

Nos mercados emergentes, a atratividade está frequentemente associada ao “prêmio de risco” pago aos investidores que aceitam enfrentar volatilidade e incerteza institucional. Estudos indicam que, se bem calibrada, essa exposição é capaz gerar ganhos superiores no longo prazo (Eichengreen; Hausmann, 2005). No entanto, crises cambiais, instabilidade política e choques externos podem neutralizar tais benefícios, exigindo análise criteriosa e mecanismos de *hedge* adequados (Castro, 2002; Soares; Pinto; Moreira, 2010).

Outro elemento que ganhou relevância nos últimos anos é a incorporação de critérios Environmental, Social and Governance (ESG) no investimento internacional. A crescente pressão de investidores institucionais por padrões sustentáveis transformou a forma de analisar riscos de longo prazo, especialmente em mercados emergentes altamente expostos a questões ambientais e sociais. Relatórios da Principles for Responsible Investment (PRI, 2022) destacam que a integração ESG não apenas mitiga riscos reputacionais, mas também pode abrir novas oportunidades em setores ligados à transição energética e à economia verde.

Adicionalmente, a emergência das *fintechs* e o avanço da digitalização reduziram custos de acesso e aumentaram a transparência em transações internacionais. A *tokenização* de ativos, a ascensão das *cryptocurrencies* e o uso de *blockchain* em processos de custódia e liquidação já são realidades exploradas por fundos e investidores sofisticados (Rocha; Santos Sousa, 2021; WEF, 2022; Ribeiro, 2025). Essas inovações têm potencial de remodelar a



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

dinâmica do investimento internacional, tornando-a mais descentralizada e menos dependente de intermediários tradicionais.

Cabe destacar que o investimento internacional não se limita à lógica financeira, mas está intimamente relacionado à geopolítica. A redistribuição do poder econômico mundial, com a ascensão da China, Índia e outros países asiáticos, desafia o protagonismo histórico dos Estados Unidos e da Europa nos fluxos de capitais globais. Nesse sentido, o papel de instituições multilaterais, como o FMI, a OCDE e o G20, torna-se central para a coordenação de regras e a prevenção de crises, reafirmando a interdependência entre política internacional e finanças globais (Reinhart; Rogoff, 2009; Godinho, 2018).

4 *Value investing*: fundamentos e evolução histórica

O *value investing* é a estratégia de identificar e adquirir ações cotadas abaixo de seu valor contábil, ou seja, com desconto em relação ao valor intrínseco (Batista, 2022; Domingues *et al.*, 2022). Essa abordagem teve origem com Benjamin Graham e David Dodd na década de 1930 e se consolidou com a obra *Security Analysis* de 1934, considerada a base conceitual da análise fundamentalista, influenciando gerações de investidores em todo o mundo, incluindo Warren Buffett – o maior representante dessa filosofia (Greenwald *et al.*, 2004).

Os fundamentos históricos do *value investing* incluem a análise de demonstrações financeiras, avaliação de múltiplos como preço/lucro (P/L) e preço/valor patrimonial P/V), além da busca por empresas com boa governança, histórico consistente e margem de segurança. Segundo Damodaran (2017), o conceito de valor vai além dos números contábeis, envolvendo também a narrativa e os diferenciais competitivos da empresa. Nesse sentido, este autor argumenta que a avaliação não deve ser vista apenas como uma ciência exata, mas como uma combinação de métricas quantitativas e interpretação qualitativa sobre o futuro dos negócios.

Ao longo dos anos, a estratégia evoluiu para acompanhar as mudanças do mercado financeiro. Com o crescimento das empresas de tecnologia, tornou-se necessário considerar ativos intangíveis, como marca, inovação e fidelidade dos clientes. Piotroski e So (2022) afirmam que, ao combinar critérios de valor com indicadores de qualidade, é possível melhorar a seleção de ativos e obter retornos superiores ao mercado. Essa abordagem é conhecida como “*value + quality*” e busca adaptar os princípios clássicos de Graham às novas realidades do



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

capitalismo digital, onde o capital intangível representa parcela crescente do valor das companhias (Lev; Gu, 2016; Domingues *et al.*, 2022).

Conforme Graham e Zweig (2007, p. 523), “para o investidor verdadeiramente voltado para o longo prazo, o mercado é uma ferramenta para servir seus objetivos e não uma indicação do valor real de seus ativos. Os preços flutuam, mas o valor intrínseco deve ser o Norte”. Isso reforça a ideia de agir com disciplina, paciência e análise, mesmo quando o mercado está dominado por comportamentos especulativos. Este princípio conecta-se diretamente à metáfora do “Sr. Mercado”, formulada por Graham em *The intelligent investor* (Graham, 1949), que ilustra de maneira didática a irracionalidade dos movimentos de curto prazo do mercado. O autor faz a seguinte proposta: “Imagine que você tem como sócio um certo ‘Sr. Mercado’”. Diariamente, ele “aparece para lhe informar quanto vale a sua participação e se oferece para comprá-la ou vender-lhe a parte dele. Às vezes sua avaliação é sensata e precisa, mas, em outras ocasiões, devido ao seu humor instável, ele apresenta preços absurdamente altos ou baixos.” (Graham, 1949, p. 20).

Klarman (2020) destaca que o investidor de valor seja cético por natureza e busque entender por que o mercado está precificando uma ação abaixo do seu valor real. Isto que a filosofia do *value investing* exige técnica e postura crítica diante do mercado. De forma semelhante, Greenwald *et al.* (2004) enfatizam: o investidor de valor precisa buscar vantagem informacional e adotar uma visão de longo prazo para explorar ineficiências de precificação.

O conceito central de margem de segurança continua relevante. Segundo Graham (1949), investir em ativos negociados abaixo de seu valor intrínseco oferece u’a margem de segurança e atua como proteção contra eventuais erros de análise e oscilações inesperadas do mercado. Essa abordagem segue respaldada por evidências contemporâneas, como demonstram estudos recentes de Asness, Frazzini e Pedersen (2019), que analisaram estratégias de *value* em diferentes mercados globais e constataram desempenho consistentemente superior em horizontes de longo prazo, especialmente em ambientes menos eficientes.

Outro aspecto importante é que o *value investing* não é uniforme, mas se apresenta em diferentes estilos. Lakonishok, Shleifer e Vishny (1994) descrevem o *value investing* como uma reação contrária ao excesso de otimismo do mercado, o que explica por que investidores de valor muitas vezes comprem ativos impopulares ou negligenciados. Essa vertente contrária o distingue de outras abordagens fundamentalistas.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

Alguns críticos questionaram a validade do *value investing* diante do crescimento de estratégias quantitativas e do domínio das empresas de tecnologia. No entanto, estudos recentes mostram que, em ambientes de crise, a disciplina do *value investing* tende a se destacar. De acordo com Asness, Frazzini e Pedersen (2019), apesar de períodos de *underperformance* (baixo desempenho), os fundamentos do *value investing* permanecem sólidos, sobretudo quando combinados com métricas de qualidade e *momentum*.

Além disso, o avanço da tecnologia e das *big data* trouxe novas ferramentas para os investidores de valor. Conforme Koller, Goedhart e Wessels (2020), a avaliação moderna utiliza modelos mais sofisticados de fluxo de caixa descontado (DCF), análises setoriais detalhadas e integração de fatores ESG, ampliando a visão clássica do conceito de valor.

Com base na análise histórica e nas adaptações feitas ao longo do tempo, é possível aferir que o *value investing* permanece atual, desde que suas ferramentas sejam aplicadas com atenção ao contexto econômico e às transformações das empresas no século XXI. Mesmo em um ambiente dominado por estratégias quantitativas e investimentos passivos, a busca por valor intrínseco continua sendo vista como uma das formas mais sólidas de alocação de capital no longo prazo (Miller, 2021; Asness; Frazzini; Pedersen, 2019).

5 Discussão Value Investing em Mercados Emergentes

O desenvolvimento deste trabalho permitiu uma reflexão mais ampla sobre o papel e a evolução do *value investing* no cenário financeiro contemporâneo. A estratégia, fundada em princípios clássicos e duradouros, tem tido desafios de um ambiente global em transformação, no qual mercados emergentes ganham protagonismo, tecnologias avançadas remodelam os métodos de análise e novas categorias de ativos – como os criptoativos – surgem com crescente relevância, como já observaram Palazzo *et al.* (2018) e Domingues *et al.* (2022)

Nos países emergentes, o *value investing* apresenta-se não apenas como uma estratégia viável, mas como uma das mais eficazes diante das ineficiências estruturais de seus mercados. Como admite Filadelpho (2025), a escassez de informações confiáveis, a baixa cobertura por analistas e a frequente instabilidade institucional criam distorções de precificação que abrem espaço para investidores atentos e disciplinados. No entanto, a aplicação do modelo nesses contextos exige cuidados adicionais. Conforme pontuado por Silva, Freitas e Mattos (2016) e



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

Batista (2022), diferenças regulatórias, volatilidade cambial, riscos geopolíticos e assimetrias informacionais impõem a necessidade de uma abordagem mais sensível e adaptada, capaz de integrar a análise fundamentalista com compreensão institucional e sociopolítica.

Simultaneamente, a crescente digitalização do mercado financeiro tem alterado a forma como o valor é identificado, analisado e monitorado. Ferramentas baseadas em inteligência artificial, *big data*, *machine learning* e plataformas automatizadas de avaliação permitem acessar e processar volumes massivos de dados em tempo real em que “algoritmos são combinados com dados digitais, plataformas e ferramentas inteligentes para compor a base técnica da revolução digital” (Silva Neto; Bonacelli; Pacheco, 2020, p. 14). Embora essas tecnologias ampliem a capacidade analítica dos investidores, também fazem emergir questionamentos importantes: o julgamento qualitativo ainda é essencial? O *value investing* perde sua essência ao ser automatizado por modelos quantitativos? Ou essas inovações apenas aprimoram a busca por valor, mantendo-se fiéis à lógica da análise criteriosa?

Nesse sentido, o cenário futuro parece apontar para um hibridismo metodológico, no qual os fundamentos do *value investing* são potencializados – e não substituídos – por ferramentas tecnológicas como algoritmos de precificação, análise preditiva e mineração de dados setoriais, conforme acentuam Cesário e Machado (2025): esse hibridismo aplicado ao *value investing* envolveria uma combinação de várias técnicas e abordagens, tais como análise fundamentalista, análise técnica, análise quantitativa, portanto, mais que a aplicação tradicional de apenas um método, a fim de apontar ações subvalorizadas e oportunidades de investimento.

Essa integração de métodos pode representar uma nova fronteira do investimento fundamentalista: mais robusto, mais contextualizado, mais eficiente. A capacidade de combinar leitura de balanços com interpretação de tendências algorítmicas poderá conferir vantagem competitiva a investidores que dominem fundamentos tradicionais e tecnologias emergentes (Andrade; Koshi, 2014). Tal prática visa aprimorar a seleção de ativos, aproveitar a capacidade de diferentes ferramentas para atingir uma visão completa e real do mercado e das empresas.

Outro ponto de reflexão diz respeito à crescente incorporação de ativos digitais no mercado financeiro. A expansão de *cryptoassets*, como *cryptocurrencies*, *utility tokens* e ativos *tokenizados* de renda variável provoca uma reavaliação da própria noção de valor. Como aplicar o conceito de valor intrínseco a ativos sem fluxo de caixa previsível, sem histórico contábil tradicional e com alta volatilidade? Cavalcanti (2018) observa que, embora os princípios do



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

value investing sejam fundamentados na mensuração racional de valor, o surgimento de novas formas de representação de ativos desafia essa abordagem e demanda uma revisão de suas ferramentas conceituais.

Nesse contexto, torna-se igualmente relevante considerar as mudanças geopolíticas e a fragmentação dos mercados globais. Com a ascensão da multipolaridade econômica, tensões comerciais e regionalização de cadeias produtivas, o investidor de valor precisa ampliar sua leitura contextual. O valor de uma empresa deixa de ser apenas um dado contábil e passa a refletir seu posicionamento em cadeias globais de produção, sua resiliência geoeconômica e sua capacidade de adaptação a choques externos (Zhang; Schimanski, 2014). Essa percepção reforça a importância de incorporar variáveis geopolíticas à análise fundamentalista, especialmente em países emergentes expostos à instabilidade internacional.

A discussão, portanto, não circunda a obsolescência do *value investing*, mas sua transformação. Sugere-se combinar os modelos *value investing* e o modelo de precificação de ativos multifatoriais para uma avaliação de desempenho das metodologias desenvolvidas por Joseph Piotroski e Benjamin Graham, comumente replicadas no mercado de ações brasileiro (Domingues *et al.*, 2022). A estratégia permanece relevante justamente por sua capacidade de adaptação – mas essa adaptação não é trivial. Exige um investidor mais crítico, capaz de ir além da leitura fria de múltiplos financeiros. É preciso sensibilidade para compreender os ciclos econômicos locais, as dinâmicas institucionais e as transformações tecnológicas que impactam a criação e a percepção de valor, conforme apontam Higachi, Lima e Pereirna (2016).

Nesse cenário de constante reinvenção, questões fundamentais seguem em aberto: o *value investing* poderá coexistir com a lógica dos mercados cada vez mais algorítmicos e fragmentados? A análise fundamentalista será suficiente para lidar com o dinamismo dos criptoativos e a descentralização das finanças (DeFi)? Como equilibrar o julgamento humano com as inferências automatizadas da inteligência artificial? Essas dúvidas não invalidam a filosofia, mas a fortalecem, ao exigir sua constante reinvenção e contextualização diante dos novos paradigmas do sistema financeiro global.

6 Considerações finais



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

Este estudo analisou a aplicabilidade do *value investing* em um cenário global marcado pela integração financeira, avanços tecnológicos e novas exigências em governança corporativa. Verificou-se que, embora desenvolvida em um contexto histórico distinto, a estratégia permanece relevante, especialmente por sua adaptabilidade a diferentes realidades institucionais e econômicas.

Foram identificadas três frentes principais de análise: os impactos da digitalização no acesso à informação, as adaptações necessárias frente às diferenças contábeis e regulatórias entre países e o desempenho da estratégia em mercados emergentes. A pesquisa evidenciou que, nesses mercados, o *value investing* é particularmente eficaz, dada a presença de assimetrias informacionais e ineficiências de precificação.

Destacou-se, também, a importância crescente dos ativos intangíveis, exigindo do investidor uma abordagem mais qualitativa e interpretativa, incorporando elementos como inovação, marca e fidelidade dos clientes. A estratégia, antes centrada em balanços e múltiplos, passa a demandar leitura contextual e visão de longo prazo. Também merece destaque

Outro ponto central foi o papel da disciplina e da racionalidade na tomada de decisão. A filosofia do *value investing* mostrou-se especialmente útil em ambientes de alta volatilidade, onde o investidor precisa manter coerência diante dos ruídos de mercado.

Entretanto, limitações foram reconhecidas em ambientes de baixa transparência ou instabilidade institucional, reforçando que se trata de uma abordagem adaptável, não universal.

Por fim, este trabalho sugere investigações futuras sobre a integração entre *value investing* e critérios ESG, impactos da digitalização e comparações entre diferentes regiões. Mais do que uma técnica, o *value investing* é uma filosofia que alia análise rigorosa, disciplina e visão estratégica para identificar valor em um mundo cada vez mais incerto.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, W. A.; KOSHIO, S. Identificação da vantagem competitiva de longo prazo nas demonstrações financeiras da AmBev na Visão de Warren Buffett. *In: Congresso USP de Iniciação Científica da Contabilidade*, XI., 21-23 jul. 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2014. p.
- ASNESS, C. S.; FRAZZINI, A.; PEDERSEN, L. H. Quality minus junk. **Review of Accountin Studies Journal**, New York University, v. 24, n. 1, o. 1-79, 2019.
- ASSAF NETO, A. **Mercado financeiro**. 16. ed. Barueri: Editora Atlas, 2022. 383 p.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

- BALZANO, M.; MARZI, G.; TURZO, T. SMEs and institutional theory: major inroads and opportunities ahead. *MD Management Decision*, v. 63, n. 13, p 1–27, 2025.
- BATISTA, M. C. ***Value investing***: análise da aplicabilidade dos filtros fundamentalistas no mercado acionário brasileiro. 2022. 50 F. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Contábeis) – Universidade Federal da Paraíba UFPB, PB, João Pessoa, 2022.
- BEKAERT, G.; HODRICK, R. J. ***International Financial Management***. 4th ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. 1046 p.
- BODIE, Z.; KANE, A.; MARCUS, A. J. ***Investments***. 11. ed. New York: Editora McGraw-Hill Education, 2018. 768 p.
- BORBA, M. C. Diretoria de Investimentos. **Relatório mensal de investimentos base**: abril/2025. [Internet], IPREV/DF, p. 1-34, 2025. Disponível em: https://www.fhb.df.gov.br/documents/d/guest/relatorio_de_investimentos_abr_2025-pdf. Acesso em: 18 ago. 2025a. [Doc. SEI/GDF 177495767]
- CARVALHO, T. F.; MAIA, M. V.; BARBEIRO, C. H. S. O efeito da diversificação no valor das empresas listadas em bolsa no Brasil. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, SP, v. 13, n. 1, p. 87-109, jan./fev. 2012.
- CASTRO, A. C. (org.). **Desenvolvimento em debate**: painéis do desenvolvimento brasileiro I. Rio de Janeiro: Editora Mauad; Editora BNDES, 2002. v. 2 400 p.
- CAVALCANTI, J. M. M. **A influência dos ativos intangíveis nas avaliações de analistas financeiros**: uma investigação no mercado acionário brasileiro. 2017. 184 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- CERNY, P. G. **Financial globalization and the restructuring of global finance**. London: Routledge Press, 2020.
- CESÁRIO, F. S.; MACHADO, J. R. M. Ensino presencial, híbrido ou EAD: quais modalidades predominam em diversos países? **RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, Ano V, v. 1, p. 1-14, 18 ago. 2025.
- CHIARINI, T.; SILVA NETO, V. J.; PEREIRA, L. S.; SZIGETHY, L. **Plataformas digitais**: mapeamento semissistemático e interdisciplinar do conhecimento produzido nas universidades brasileiras [Texto para discussão]. Brasília: Editora Ipea, jan. 2023. 76 p.
- CLARK, G.; MONK, A.H. B. **Institutional investors in global markets**. Oxford: Oxford University Press, Dec 2017.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

- DAMODARAN, A. **Narrative and numbers**: the value of stories in business. New York, USA: Columbia Business School Publishing, 2017. 498 p.
- DOMINGUES, C. H. S.; ARONNE, A.; PEREIRA, F.; MAGALHÃES, F. Piotroski, Graham e Greenblatt: uma abordagem empírica do *value investing* no mercado acionário brasileiro. **BBR, Braz. Bus. Rev.**, n. 19, p. 475-491, set. 2022.
- EICHENGREEN, B.; HAUSAMANN, R. **Other People's Money** - Debt denomination and financial instability in emerging market economies. Chicago (USA): University of Chicago Press; London: London Press, 2005. 304 p.
- EUROSISTEMA – Banco Central Europeu. **Relatório Anual 2013**. Tradução Banco de Portugal/ BCE. Alemanha: Banco Central Europeu, 2014.
- FARHI, M. **Estados e mercados na crise financeira** [Texto para discussão]. Brasília: Rio de Janeiro: Editora Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA), nov. 2018. 82 p.
- FERREIRA, R. G. Benjamin Graham: a história do criador do investimento em valor, autor da “Bíblia dos Investimentos” e mentor de Warren Buffett [Internet], 28 dez. 2022. Disponível em: <https://clubedovalor.com.br/blog/benjamin-graham>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- FERREIRA, R.; CARVALHO, M.; SANTOS, B. Análise fundamentalista internacional. **Revista de Finanças Aplicadas**, v. 12, n. 2, p. 55-69, 2020.
- FERREIRA, T. S. V.; MACHADO, M. A. V.; SILVA, P. Z. P. Impacto assimétrico do sentimento do investidor na volatilidade do mercado acionário brasileiro. **RAM Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 22, n. 4, eRAMF210208, p. 1-29, 2021.
- FILADELPHO, C. **Value Investing**: entenda essa estratégia de investimento. [Internet], 25 ago. 2025. Disponível em: <https://investidor10.com.br/amp/noticias/value-investing-entenda-essa-estrategia-de-investimento-115000>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- FIRMINO, A. L.; PEIXOTO, F. M. Desempenho ESG e seu impacto no desempenho das emissões de gases de efeito estufa na América Latina. **Rev. Contab. Financ.** – USP, São Paulo, v. 36, n. 97, e2089, P. 1-16, 2025.
- FREITAS, M. C. P.; PRATES, D. M. Reestruturação do sistema financeiro internacional e países periféricos. **Revista de Economia Política**, v. 22, n. 2 (86), p. 207-224, abr./jun. 2002.
- GODINHO, R. O. **A OCDE em rota de adaptação ao cenário internacional**: perspectivas para o relacionamento do Brasil com a organização. Brasília: Editora FUNAG, 2018. 319 p.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

- GRAHAM, B. **The intelligent investor**. Revised edition. New York (USA): Harper Business Editora, 1949. 640 p
- GRAHAM, B.; DODD, D. **Security analysis**. Revised ed. New York: Editora McGraw-Hill, 1996. 725 p.
- GRAHAM, B.; ZWEIG, J. **The intelligent investor**. Revised edition. New York (USA): Harper Business Editora, 2007. 640 p.
- GREENWALD, B.; KAHN, J.; SONKIN, P. D.; VAN BIESEBROECK, M. **Value investing: from Graham to Buffett and Beyond**. 2. ed. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons Press, 2004. 320 p.
- HIGACHI, H. Y.; LIMA, G. T.; PEREIRA, J. B. Crescimento, ciclo econômico, mudança tecnológica e financiamento. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 3 (58), p. 533-568, dez. 2016.
- IMF – International Monetary Fund. **Global financial stability report: markets in the time of COVID-19**. Washington, October 2021. Available at:
<https://www.imf.org/en/Publications/GFSR?page=1>. Accessed on: August 18th, 2025.
- JACKSON, G. A. Winning in emerging markets: a roadmap for strategy and execution, by Tarun Khanna and Krishna G. Palepu. Harvard Business Press, 2010. [Book review]. **Journal of Business-to-Business Marketing**, v. 19, n. 2, p.174-180, April 2012.
- KHANNA, T.; PALEPU, K. G.; BULLOCK, R. Winning in emerging markets. A road map for strategy and execution. Boston: Harvard Business Press, 2010. 247 p.
- KLANN, R. C.; BEUREN, I. M. Reflexos das divergências entre IFRS e US GAAP na evidência contábil. **ASAA - Advances in Scientific and Applied Accounting**, v. 3, n. 1, p. 2-40, 2010.
- KLARMAN, S. A. **Margin of safety: risk-averse value investing strategies for the thoughtful investor**. New York (USA): Editora Harper Business, 2020. 249 p.
- KOLLER, T.; GOEDHART, M.; WESSELS, D. 7th ed. **Valuation: measuring and managing the value of companies**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons Press, May 20, 2020. 896 p.
- LAKONISHOK, J.; SHLEIFER, A.; VISHNY, R. W. Contrarian investment, extrapolation, and risk. **The Journal of Finance**, v. 49, n. 5, p. 1541-1578, December 1994.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

- LANCIERI, F. M.; SAKOWSKI, P. A. M. Concorrência em mercados digitais: uma revisão dos relatórios especializados [Documento de Trabalho N° 005/2020]. Brasília: Editora do Ministério da Justiça e Segurança Pública, ago. 2020.
- LEMES, S.; CARVALHO, L. N. G. Comparabilidade entre o resultado em BR GAAP e U.S. GAAP: evidências das companhias brasileiras listadas nas bolsas norte-americanas. **Rev. Contab. Finan.** USP, São Paulo, v. 20, n. 50, p. 25-45, maio/ago. 2009.
- LEV, B.; GU, F. **The end of accounting and the path forward for investors and managers.** Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons Press, 2016.
- MAGNANI, M.; SANFELICI, D. O e-commerce e os fundos imobiliários logísticos: estratégias de captura de rendas imobiliárias. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 24, n. 53, p. 173-198, jan./abr. 2022.
- MILLER, H. **Value investing in the digital age.** London: Routledge Press, 2021.
- NÓBREGA, M. B.; FELIPE, I. J. S.; ARAÚJO, R. L. F. ESG na formação de carteiras: o que revela a literatura científica? **RAE**, São Paulo, v. 65, n. 6, e2024-0569, p. 1-24, 2025.
- NUNES, R. V.; SALES, G. A. W. Relação entre as variáveis risco país, índice IBOVESPA e taxa de câmbio no mercado brasileiro. *In*: Congresso Internacional de Administração ADM 2020, 19-21 out. 2020, Ponta Grossa, PR. **Anais...** Ponta Grossa, PR, 2020.
- OBSTFELD, M.; TAYLOR, A. M. **Global capital markets: integration, crisis, and growth.** 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, May 2017. 374 P.
- OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Global Investment Trends 2023.** Paris: OECD Publishing, 2023.
- OLIVEIRA, J. G. **Escolhendo ações de bancos brasileiros: um modelo de análise fundamentalista para melhor performance.** 2023. 122 f. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- PALAZZO, V.; SAVOIA, J. R. F.; SECURATO, J. R.; BERGMANN, D. R. Análise de carteiras de valor no mercado brasileiro. **R. Cont. Fin.** – USP, São Paulo, v. 29, n. 78, p. 452-468, set./dez. 2018.
- PARANÁ, E. A finança digitalizada: informatização a serviço da mundialização financeira. **Nova Economia**, v. 28, n. 1, p. 245-272, 2018.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

- PAUTASSO, D.; NOGARA, T. S.; UNGARETTI, C. R.; RABELO, A. M. P. As três dimensões da guerra comercial entre China e EUA. **Rev. Carta Inter.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, e1122, 2021.
- PEREIRA, L. B. V. A neutralidade no contexto das tensões Estados Unidos e China. **Conjuntura Econômica**, p. 50-52, abr. 2023.
- PESSOAS físicas na B3. **Número de pessoas físicas cresce em 2024 e atinge marca de 19,4 milhões de investidores na B3**. Disponível em:
https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/pessoas-fisicas-na-b3.htm. Acesso em: 14 ago. 2025.
- PIOTROSKI, J.; SO, E. Combining value and quality for superior returns. **Review of Accounting Studies**, v. 27, n. 3, p. 945-976, 2022.
- PRADO, J.; LOPES, M. **Finanças digitais e investidores globais: tendências e desafios contemporâneos**. São Paulo: Editora Atlas, 2023.
- PRI – Principles for Responsible Investments. **Annual Report**. How we create value [Internet], 2022. Available at:
file:///D:/usuario/Downloads/pri_annual_report_2022_689047.pdf. Accessed on: August 25th, 2025.
- RAMALHO, E. T. **Value & Growth: investimentos no Século XXI**. 2021. 35 f. Monografia (Graduação em Economia) – Pia Universidade Católica (PUCRio), Rio de Janeiro, 2021.
- REINHART, C. M.; ROGOFF, K. S. The aftermath of financial crises. **American Economic Review**, v. 99, n. 2, p. 466-472, May 2009.
- RESENDE, G. M. (ed.). **Mercados de plataformas digitais**. Conselho Administrativo de Defesa Econômica Cadernos (CADE). Brasília, DF: Editora do Ministério da Justiça e Segurança Pública, ago. 2021. 147 p.
- RIBEIRO, L. M. Expansão internacional e digitalização financeira na América Latina: o caso do Nubank. 2025. 29 f. Trabalho Conclusão Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Instituto de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2025.
- ROCHA, D. M.; SANTOS, L. B.; SOUSA, P. R. P. O surgimento das *fintechs* e o seu impacto no sistema bancário brasileiro. **DRPES**, Goiânia, v. 2, n. 1, P. 1-20, jan./jun. 2021.
- ROMARO, P.; SERRALVO, F. A. (orgs.). **ESG: uma visão plural**. 1. ed. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2022.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE
PROGRAMA DE INCENTIVO A PESQUISA – PIP

SANCHEZ-BADIN, Michelle R.; BAUMANN, Renato (orgs.). Instrumentos de avaliação de investimentos externos no mundo e seus debates no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Ipea, 2025. v. 1, 336 p.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-41, nov./dez. 2007.

SILVA NETO, V. J.; BONACELLI, M. B. M.; PACHECO, C. A. O sistema tecnológico digital: inteligência artificial, computação em nuvem e *big data*. **Rev. Bras. Inov.**, Campinas, SP, v. 19, e0200024, p. 1-31, 2020.

SILVA, B. A. B.; MONTEIRO, J. M. Educação financeira: um estudo sobre a sua importância na gestão pessoal. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 6, e16212642125, p. 1-15, 2023.

SILVA, F. A.; FREITAS, C. O.; MATTOS, L. B. Volatilidade da taxa de câmbio e seus efeitos sobre o fluxo de comércio dos países da América do Sul. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 20, n. 2: p. 229-249, 2016.

SOARES, F. A. R.; PINTO, M. B. P.; MOREIRA, T. B. S. Análise dos desequilíbrios cambiais a partir do índice de pressão dos fundamentos econômicos: a experiência brasileira dos anos 1990. **planejamento e políticas públicas (ppp)**, n. 35, p. 53-85, jul./dez. 2010.

SUGAHARA, M. C. G. **Os fundos soberanos de riqueza e suas estratégias geopolíticas: uma análise dos Emirados Árabes Unidos e de Singapura**. 2019 120 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2019.

THALER, Richard H.; SUNSTEIN, Cass R. *Nudge: Improving Decisions about Health, Wealth, and Happiness*. New Haven: Yale University Press, 2008.

WEF – WORLD ECONOMIC FORUM. **Annual Report 2021-2022**. Available at: https://www3.weforum.org/docs/WEF_Annual_Report_2021_22.pdf. Accessed on: August 22nd, 2025.

ZHANG, L.; SCHIMANSKI, S. Cadeias globais de valor e os países em desenvolvimento. **Boletim de Economia e Política Internacional BEPI**, n. 18, p. 73-92, set./dez. 2014.